



mais belo que os homens se reconhecerem a si mesmos, se sentirem companheiros. Esta é a lição que todo o verdadeiro escritor deve ao seu povo: — Levá-lo a conhecer-se a si mesmo.

— Dado o fundo etnográfico do primeiro ciclo da obra de Castro Soromenho e da recreação dos valores culturais africanos a que procedeu ao elaborar a sua obra, lançamos a segunda pergunta.

P. — Qual o método que usou para a recolha de material que serviu de base à primeira parte da sua obra?

R. — Não usei nenhum método. Nunca recolhi material. Africano nascido em Moçambique, mas medrado em Angola desde mal saído do berço, a Angola devo a minha vida de escritor. Quando em 1937 abandonei Angola, estava longe de vir a ser um escritor. Interessado no jornalismo, profissão que exerci largos anos, dele me ocupei. Foi aqui em Portugal que nasceu o escritor, depois de reviver a minha vida de Angola, fazendo tábua rasa de ideias feitas e dando-me conta de erros de interpretação originados pelo clima social vivido desde a infância numa sociedade em formação, heterogénea pela sua própria natureza, sem outras raízes que não fossem os seus interesses circunstanciais, e sempre marginal. Colocado, no tempo e no espaço, numa posição que possibilitou novas perspectivas, o homem e a sua vida, a terra e o meio social, revelaram-se na sua forte autenticidade. E nunca mais deixei de estar em Angola, embora habitando em Lisboa ou no Rio de Janeiro, em Paris ou em Buenos Aires. Debruçado sobre a minha vida africana, servindo-me da minha própria experiência e da experiência dos homens que me levaram a meditar sobre a sua vida e no seu destino, procurei estudá-los, situando-os na sua idade histórica, no condicionamento do seu campo económico-social e nos planos das suas relações humanas. O homem em face do destino e nos limites da sua condição humana. Libertado de todos os preconceitos e prejuízos, sempre considerei os homens humanamente iguais, embora de civilizações diferentes. Nenhum homem de cultura progressiva aceita a superioridade desta ou daquela civilização e sabe que os seus valores morais essenciais têm uma base comum. Daí a universalidade do homem para além das coordenadas definidas pelos padrões culturais que caracterizam as várias civilizações. Fora, ou à margem desta verdade, o homem toma posição racista, seja ele branco, amarelo ou negro. Uma posição anti-cultura. Tudo o mais diz res-

peito ao progresso das técnicas e da ciência, que qualquer homem de qualquer raça aprende, aplica e desenvolve consoante a sua capacidade e os meios que ponham ao seu dispor.

— Guiados pela afirmação do prof. Roger Bastide e pela nossa própria convicção, de que a obra de Castro Soromenho constitui um todo e um estudo da ambiência social de Angola, perguntámos: — Considera a sua obra como um todo, ou distingue o ciclo africano do romance sociológico, que nos deu com Terra Morta e mais recentemente com Viragem?

R. — As considerações sobre a minha obra é tarefa que deixo aos críticos e sociólogos. A maior aspiração de um escritor é que os seus livros constituam obra, que não seja somente autor de várias obras. Com obra ou com obras, tudo quanto eu escrevi de válido é africano,

como africano é o seu autor. As minhas personagens são negros, brancos e mestiços, e as suas vidas vividas em Angola.

— Antes de abandonarmos o escritor, resolvemos inquirir qual a motivação que o levou a usar um novo estilo literário em Viragem, da razão do tratamento vertical das personagens, num ambiente determinado.

P. — Acha que a técnica que usou no seu último romance, em Viragem, será o melhor caminho para a reafirmação do neo-realismo?

R. — Desde que nos meus romances surgiram novas realidades sociais e se me apresentaram as suas contradições, logo se me impôs, naturalmente, uma nova técnica e um novo estilo literário. O neo-realismo teria de ser o novo caminho. A experiência do neo-realismo português estava feita, embora não julgada pela crítica, ou

mal julgada, mas não se me afigurou que servisse ao que me propunha, por demasiado esquelético. Não podia ser o meu figurino, embora fosse um ponto de partida. O que se fez e como se fez está à vista, em Terra Morta e, agora, depois, como maior aprofundamento e equilíbrio, em Viragem. Mas daí eu considero Viragem o melhor caminho para a reafirmação do neo-realismo, é que não! Eu não faço receitas... Se alguém encontrar nesse romance uma lição, muito bem, que a siga. Eu prefiro continuar a abrir caminho, neste acertar de passo duma jornada que iniciarei há vinte anos, sem ainda ter atingido a maioridade... Hemingway levou 40 anos a trabalhar e a publicar os seus admiráveis livros até poder escrever essa famosa obra prima que é «O Velho e o Mar».

Achámos que seria tempo de deixar o escritor.

F. M.

## Crónica Musical

### JAZZ EM LUANDA

ou

Angola, 0 — Moçambique, 5

Anunciou-se em Janeiro, com o patrocínio do Instituto de Angola e em viagem oficial organizada pelo State Department, E. U. A., a vinda a Luanda de um notável agrupamento de jazz americano.

É tão raro e tão pouco sincero o comércio de Angola com a música que, desta vez, tivemos a consoladora surpresa de sabermos totalmente passada a plateia do Restauro quando lá fomos comprar o nosso bilhete.

Os jornais publicavam a biografia dos artistas e a cotação do seu talento: havia curiosidade e expectativa.

Faltava apenas saber se não seria uma exibição de um jazz oficial, branco mas devidamente assimilado e industrializado, exportável, com certificado de origem, e quem sabe, com alegres vestimentas de boite. Não sabíamos.

Enfim, estavam marcadas 1 sessão em Luanda, 3 em Lourenço Marques e 2 na Beira.

5 a 1 a favor de Moçambique.

Mas eis que surge o imprevisível (?). Os TAP, depois de servirem copiosamente o anedotário nacional, pregam uma peça, involuntária mas agora internacional, aos famosos jazzbandistas que, no Kano, sem transporte, atrasam de um dia a chegada à capital de Angola.

Após uma troca devidamente citrada de telegramas com Washington, surgiu irónica e inflexível a sentença do Ministério dos Estrangeiros Americano, certamente ao par dos nossos gostos deficientemente musicais (que esgotam o Restauro com um Lopes Graça) e supondo talvez que TAP eram uma empresa anglo-americana: — Não foram respeitadas as reservas de passagens no TAP para Angola? Pois não se dá jazz a Angola! Sigam para Lourenço Marques...

Resultado final: 5 a 0 a favor de Moçambique.

A arbitragem, do Instituto de Angola, sem culpas no resultado. E por hoje, de música, é tudo.



## Jornalistas Angolanos

Pessoa amiga escreveu de Lisboa, lamentando que os jornalistas angolanos que foram à Metrópole não fossem angolanos como julgava e ainda julga a população metropolitana.

A observação passar-nos-ia despercebida se não fossem num Jornal local («Comércio» de 20/4/60) um comentário do jornalista João Azevedo que afirmava a linhas tantas: — «Não sei qual é mais excelente: se a dos jornalistas ultramarinos irem pouco à Metrópole (eles, aqui, em Angola, até são de lá senhor doutor!) se a de necessitarem de tal peregrinação para tomarem consciência dos perigos, etc., etc.»

De facto é pena que não tivessem ido à metrópole jornalistas, na verdade angolanos que, além de irem conhecer outra terra, dariam mais autenticidade ao convite.

De resto, esta viagem soube a cruzeiro turístico de férias para os que, como os que foram, há muito não iam à Metrópole, dado que o que lá disseram ou cá escreveram pouco ou nada adianta à Metrópole ou a Angola.